

Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Garbini Cespedes, Fernando

A comunicação esférica de Peter Sloterdijk

Matrizes, vol. 12, núm. 2, 2018, Maio-, pp. 311-316

Universidade de São Paulo

Brasil

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i2p311-316>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143065200015>

A comunicação esférica de Peter Sloterdijk

Peter Sloterdijk's spherical communication

■ FERNANDO GARBINI CESPEDES^a

Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP, Brasil

SLOTERDIJK, Peter.

Esferas I: bolhas. Tradução de José Oscar de Almeida Marques.

São Paulo: Estação Liberdade, 2016. 576 p.

Spheres II: globes. Los Angeles: Semiotext(e), 2014. 1019 p.

Esferas III: espumas. Madrid: Ediciones Siruela, 2006. 715 p.

RESUMO

Em *Esferas* o filósofo alemão Peter Sloterdijk elege o espaço vital humano como categoria antropológica essencial. Somente nos tornamos humanos, segundo a obra, ao nos agruparmos dentro das formas esféricas – simbólicas e concretas – por nós edificadas como forma de imunização, conforto e proteção contra o exterior. A trilogia, formada pelos volumes *Bolhas*, *Globos* e *Espumas*, dialoga com as comunicações ao propor metáforas morfológicas para descrever os espaços comunicativos. A obra oferece ferramentas para interpretar fenômenos comunicacionais contemporâneos ao passo em que nos aproxima, de forma poética e ensaística, da complexidade da condição humana.

Palavras-chave: Metáfora, esferologia, história da linguagem, morfologia, ensaio

^a Doutorando do Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4372-7045>. E-mail: fecespedes@gmail.com

ABSTRACT

In *Spheres*, the German philosopher Peter Sloterdijk elects the human vital space as an essential anthropological category. As per his work, we only become humans when sheltering under self-created spherical forms – both symbolic and concrete – able to provide immunization, comfort and protection against the exterior. The trilogy, formed by the volumes *Bubbles*, *Globes* and *Foams*, dialogues with the communication field by proposing morphological metaphors to describe the communication spaces. The work offers tools to interpret communication contemporary phenomena while providing a poetical and essay-like approach to the complexity of the human condition.

Keywords: Metaphor, spherology, history of language, morphology, essay



A linguagem é a casa do ser.

Martin Heidegger

A TRILOGIA *ESFERAS*, do alemão Peter Sloterdijk, é obra ousada. Procura, em suas mais de 2.500 páginas, narrar a história do *Homo* que constrói e se abriga em formas esféricas – metafóricas e concretas – para tornar-se *sapiens*. Para o filósofo, as esferas que acompanham e possibilitam a existência humana possuem propriedades topológicas, antropológicas, imunológicas e semióticas, e têm como finalidade primordial proteger, nutrir, capacitar e imunizar o *sapiens* ante o exterior desconhecido.

A ousadia da empreitada está, primeiramente, em sua abrangência: toda a criação humana, dos primórdios da hominização à contemporaneidade, tem origem e reflete a condição esférica. Religião, ciência, cultura, organizações sociais e políticas, modos e costumes, arquitetura, arte e mídia são esferas criadas pelos humanos para abrigar a si próprios. Da mesma forma, a morfologia celular, o desenvolvimento intrauterino, o espaço entre mãe e filho durante a lactação, os pares sexuais e o cosmos são, também, esferas acolhedoras.

Ex-reitor da Escola Superior de Design de Karlsruhe, Alemanha, Sloterdijk é conhecido pela transdisciplinaridade de sua obra, que se equilibra sobre o tripé filosofia, ciência e arte. O caráter relacional de seu pensamento – para o qual o ser só existe em relação com sua técnica, seus artefatos e nas habitações que para si constrói – vai ao encontro de outros autores contemporâneos cujas reflexões vêm sendo agrupadas dentro do conceito filosófico de pós-humanismo.

Outra marca da obra do alemão é sua contundência, expressa na ousadia dos recortes temático-temporais em *Esferas* (que, para o bem e para o mal, revela pretensões de tratado cosmológico) e na aparente naturalidade com que o autor – pelo menos desde *Regras para o parque humano* (2000) – coloca-se em atrito com pensadores como Platão, Nietzsche, Heidegger e Habermas. No volume 1 de *Esferas*, denominado *Bolhas*, uma digressão intitulada “A partir de que ponto Lacan se engana” mostra a facilidade com a qual o autor diverge diretamente de seus interlocutores.

De toda forma, *Esferas* traz ao nosso campo uma abrangente compreensão das condições de surgimento, dos usos e das mutações da linguagem humana, entendida como dispositivo central formador de nosso *habitat* cognitivo. Na obra, a coevolução entre meio e sistema, natureza e cultura, revela uma disposição para aproximar-se da linguagem humana por meio de suas formas e aparências. Não à toa, fazem parte do tratado mais de uma centena de imagens que, diferente do que costumamos ver na tradição epistemológica ocidental, não apenas *ilustram* conceitos verbais, mas dão corpo aos próprios conceitos filosóficos apresentados.

Dividida nos volumes *Bolhas*, *Globos* e *Espumas*, a trilogia foi publicada originalmente em alemão, entre 1998 e 2004, e posteriormente em espanhol e inglês. A versão em português do primeiro tomo, *Bolhas*, saiu em 2017, com tradução de José Oscar de Almeida Marques. Na obra, as esferas são apresentadas como metáforas morfológicas da existência humana em sua história ocidental. Ao ater-se aos tempos históricos apresentados em cada tomo, aventa-se a sugestão de uma cronologia sequencial de caráter histórico-evolutivo que se inicia nas *Bolhas*, passa aos *Globos* e chega, por fim, às *Espumas*.

As *Bolhas* remetem às estruturas de proteção criadas durante o processo de hominização. Os agrupamentos originais surgem como rígidas comunidades de culto, esforço, intimidade e inspiração. Voltam-se para dentro para inventar deuses e costumes, dando as costas ao exterior, reconhecido como ameaça. A arquitetura tribal é – como a roda em torno da fogueira – centrípeta. A subjetividade e a consciência são coletivas e a noção de horda prevalece. A ideia de indivíduo inexiste de forma radical: no limite, não se sabe ao certo se o rosto que se vê à luz da fogueira é o próprio ou o do outro.

O outro é, de fato, central na trilogia. Contrário ao senso comum, Sloterdijk estabelece as *Bolhas* como o conjunto primário, mas que se forma aos pares. Atualiza, portanto, a mônada, substância indivisível da filosofia leibniziana, substituindo-a pela diáde. A diáde (dupla ou par) aparece – simbólica, mágica e fisiologicamente – em uma série de temas da vida nas *Bolhas*: o coração, órgão que fisiologicamente sustenta a vida de si e, conceitualmente, projeta o amor no outro; a intimidade entre os rostos dos amantes; a coexistência entre consciência e estados hipnóticos; a maternidade; a placenta como companhia fetal; os acompanhantes inseparáveis física (siameses) e conceitualmente (gêmeos e anjos da guarda); e os espaços ressonantes da vida intrauterina, criados pela voz materna ou por suas duplicações (messias, xamãs, evangelistas). A alteridade é, portanto, premissa da identidade.

Assim, *ser-aí* – conceito heideggeriano central na trilogia e que evoca a presença no mundo como condição necessária à existência – é transformado em *ser-juntos*. Essa noção de coexistência precedendo a existência permite uma abordagem multiperspectivista que, em sua visão relacional, aproxima-se do campo das comunicações.

O momento histórico das *Bolhas* sofre sua primeira desestabilização durante o Neolítico, com o sedentarismo advindo da agricultura. O crescimento populacional e das trocas comerciais leva à constante incorporação do exterior à esfera de intimidade e imunização humanas. O enraizamento e a adesão ao território são o embrião da noção de propriedade, que enfraquece a consciência coletiva que os bandos outrora possuíam. Inicia-se, assim, a expansão esférica das *Bolhas*.

A *globalização* – conjunto de processos que para muitos autores se inicia no século XX – tem, para Sloterdijk, dois marcos inaugurais apartados por mais de um milênio: o pensamento de Euclides e Pitágoras, que mescla ontologia e geometria para dar forma ao mundo; e as expansões marítimas iniciadas no século XV. Ambos fazem parte da expansão das *Bolhas* para formas aglutinadoras e expansivas, imperialistas e hegemônicas, típicas da Modernidade. Nos *Globos*, o antagônico e o contraditório dão o passo da expansão: o nascimento da ideia de arte, mas também o cientificismo; o colonialismo e também o Iluminismo; a tradição e o exotismo; a expansão marítima, mas também a concentração urbana; o telescópio e o microscópio; a reforma católica, o agnosticismo e o anúncio da morte de Deus; a pintura Impressionista e a projeção de Mercator; a psicanálise e as mídias de massa; a individualidade e a multidão.

A *globalização*, em *Esferas*, é o conjunto de processos que torna íntimo o distante, engloba, ao expandir seu interior, a estranheza exterior. O que antes era *imundo* agora pode torna-se *mundo*. Porém, sendo uma das funções primordiais das esferas o acolhimento de seus habitantes, *Globos* começam, ao expandirem-se, a perder seu caráter protetor e íntimo. Destituído da tranquilizadora sensação, típica das *Bolhas*, de habitar o íntimo centro da esfera, o ser moderno encontra-se instável, vagando pelos incontáveis epicentros globais.

O limite dessa expansão antecede o colapso do totalitarismo global que inaugura as *Espumas*, o momento esférico pós-moderno. *Espumas* são caracterizadas por *isolamentos conectados*, sobreposição, pluralidade, fusão e movimento. Segundo a disposição metafórica, *Espumas* surgem na contemporaneidade sob forma de microclimas (ar-condicionado, estufas, equipamentos de mergulho), arquitetura (apartamentos e sistemas de *coworking*), domínio dos ares (*drones*, satélites, estações espaciais), mídia (redes sociais, celulares, entretenimento digital personalizado) e, por fim, (des)construções sociais (efemeridades, nomadismos, hibridações) e semiológicas (o culto ao *self*, a pós-verdade e o fim das vanguardas artísticas). Nas *Espumas*, o *ser-aí* dá lugar ao atopismo multifocal, multiperspectivista e heterárquico.

Se, em *Esferas*, “o mistério da vida não pode separar-se do mistério da forma”¹ (Sloterdijk, 2006: 47, tradução minha), podemos ater-nos ao formato dual das esferas para propor chaves de leitura interessantes para os estudos das comunicações. Se o *ser-aí* é invariavelmente *ser-juntos*, não há ato ou espaço possível que não seja ato dialógico ou espaço comunicacional. Essa abordagem ontológica relacional e espacial, ao prescindir dos meios como entidades intersticiais, reforça a inclinação – presente há algumas décadas nos estudos de comunicação latino-americanos – de voltar-se às mediações das subjetividades em detrimento dos meios e das análises midiáticas.

¹ No original: “el misterio de la vida no puede separarse del misterio de la forma”.

O *ser-juntos* fala não apenas da essência coletiva do ser humano, mas também da determinante relação deste com sua técnica: não somos humanos *que possuem* técnica, somos humanos exatamente ao possuí-la. Assim, o *ser-juntos* diz respeito não apenas aos humanos, mas também às relações destes com os mundos que produzem. Não há separação possível entre o ser e os objetos, arte-fatos e conceitos que este é capaz de criar. Essa abordagem mostra-se oportuna pois reflete a adoção de tecnologias que resultam nas formas híbridas da vida contemporânea: o híbrido corporal, junção de biologia e máquina, que potencializa a existência, mas levanta questões éticas e morais; o cognitivo, que mescla linguagens e inteligências humanas e computacionais; e o comunicativo, misto de analógico e digital, que gera atopismos e multitemporalidades.

O híbrido comunicacional produz efeitos hoje largamente discutidos não apenas na academia, mas também na mídia e na sociedade em geral. O fato de o espaço comunicacional – antes marcado por lugar e tempo únicos, definidos e compartilhados – ter, usando uma expressão sloterdijkiana, perdido seu *poder unificante* (2006: l. 3567) gera consequências latentes. Trata-se da transição entre um sistema político-comunicacional pautado por centro e periferia delimitados e estáveis, e por emissores e receptores definidos – típicos de *Globos* – para uma nova organização, na qual todos emitem e recebem, ocupando momentaneamente centros e periferias conforme transitam entre contextos plurais, em movimentos líquidos, aglutinadores e erosivos.

A implosão da antiga política comunicacional e a resultante nova arquitetura rizomática das *Espumas* é metáfora que ajuda a entender diversos fenômenos atuais: a pós-verdade e as *fake news*, a multipolarização e a radicalização nas esferas culturais e políticas, as disputas por lugares de fala e a atual epidemia de egolatria nas redes. Se o propósito fundamental das esferas é imunizar, o compartilhar coletivo de uma grande e sólida redoma global produz não apenas segurança contra o exterior, mas também solidariedade e empatia entre seus coabitantes. Por outro lado, habitar o interior das frágeis esferas das *Espumas* pode revelar-se experiência conflituosa: suas paredes finas expõem seus habitantes aos riscos do desconhecido tanto quanto seu tamanho reduzido induz a certeza de ocuparmos o centro do espaço vital. Aumenta-se, consequentemente, uma nociva combinação entre medos constantes e certezas absolutas.

É, por fim, na possibilidade de abordar a trilogia de forma multilinear, enfatizada pelo próprio autor (*Espumas*, são, afinal, um conjunto infinito de *Bolhas*), que reside o grande potencial da obra. À parte dos períodos históricos que são capazes de demarcar, as três formas esféricas coexistem e indicam a complexidade da condição humana, em sociedades ou indivíduos. *Bolhas*, *Globos* e *Espumas* estão presentes em comunidades orais isoladas e megalópoles

pós-modernas tanto quanto na incessante produção diária de novos humanos e de suas identidades, em um caldeirão de ontogenia e contextos tecnológicos e socioculturais em constante ebulação. Não à toa, Sloterdijk abre *Esferas* com a imagem de um garoto que, insufla bolhas de sabão e as contempla dançando pelos ares... M

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.
- SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- _____. *Esferas I: burbujas*. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.
- _____. *Esferas III: espumas*. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.
- _____. *Spheres II: globes*. Los Angeles: Semiotext(e), 2014.
- _____. *Esferas I: bolhas*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

Artigo recebido em 4 de julho de 2017 e aprovado em 19 de dezembro de 2018.